

A MODERNA INSENSIBILIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE A OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO E A CARTA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI* DO PAPA FRANCISCO

MODERN INSENSITIVITY: A DIALOGUE BETWEEN JOSÉ SARAMAGO'S ESSAY ON BLINDNESS AND POPE FRANCIS' ENCYCLICAL LETTER FRATELLI TUTTI

Glauccio Alberto Faria de Souza¹

Resumo: Este texto tem o objetivo refletir sobre a moderna insensibilidade. Esta reflexão terá como ponto de partida a obra *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago que, segundo o próprio autor, não tem a finalidade de contar histórias e sim abordar temas incômodos. Saramago compreende a sociedade moderna sobre o prisma da cegueira branca, essa metáfora/alegoria, aponta para a incapacidade que o ser humano atual tem em estabelecer relações e aproximações. Para o escritor português existe a necessidade “urgente” de substituir essa forma insensível de ver o mundo (representada alegoricamente por um manicômio) por outras que aproximem as pessoas e produzam novos diálogos. Em busca desta nova proposta de vida, buscar-se-á por meio do método da correlação, que aproximará os elementos presentes na obra literária com as questões teológicas presentes na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. Essa aproximação será benéfica a toda sociedade, pois ambos, impelem os leitores a uma conversão do olhar, a uma nova forma de se relacionar nesta sociedade marcada por contradições.

Palavras-chave: Modernidade. Indiferença. Cuidado. Paraíso. Unidade.

Abstract: This text aims to reflect on modern insensitivity. This reflection will take as its starting point the essay *Essay on Blindness* by José Saramago, which, according to the author himself, is not intended to tell stories but rather to address uncomfortable themes. Saramago understands modern society from the point of view of white blindness, this metaphor / allegory points to the inability that today's human being has in establishing relationships and approximations. For the Portuguese writer there is an “urgent” need to replace this insensitive way of seeing the world (represented allegorically by an asylum) with others that bring people together and produce new dialogues. In search of this new proposal of life, we will seek through the method of correlation, which will bring together the elements present in the literary work with the theological questions present in the Encyclical Letter *Fratelli Tutti* of Pope Francis. This approach will be beneficial to the whole society, since both impel readers to a conversion of the look, to a new way of relating in this society marked by contradictions.

Keywords: Modernity. Indifference. Care. Paradise. Unit.

¹ Doutorando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professor de Teologia na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, na Diocese de Mogi das Cruzes. Atualmente, atua como editor da Revista Teoliterária e Cultura Teológica. Contato: gafsteologo@gmail.com

Introdução

A teologia, na atualidade, caracteriza-se como companheira da humanidade, em razão da sua proximidade aos dilemas da vida humana. Impulsionada pelo Concílio Vaticano II, em especial pela Constituição Pastoral *Gaudium st Spes*. A reflexão sobre a fé cristã procura anunciar a mensagem da salvação, em face do esforço de adaptar-se ao seu tempo (FORTE, 1990, p. 17). O diálogo, entre a teologia e a literatura, representa esse esforço de aproximação às questões humanas, graças a busca pela compreensão do eixo antropológico presente na literatura e na teologia, marcada pela relação profunda entre a narração e a vida (SOUZA, 2013, p. 35).

Outro ponto de conexão, entre a literatura e a teologia é a palavra como expressão do humano. Ela, as palavras refletem nossas imagens mais profundas, estabelecendo um apelo ao outro. Para Antonio Magalhães (2000, p. 9) elas podem ser compreendidas como “[...] espelhos que refletem nossas imagens, que nos ajudam ver melhor, nós mesmos e o próximo [...]”. Elas provocam, desinstalam, suscitam nos seus ouvintes uma resposta ou interpretação, permitindo a reconfiguração da vida.

A aproximação entre a teologia literatura se torna rica de sentido, pois a literatura, que não se afasta do real, apresenta-se como um lugar revelador da realidade na qual se desenvolve a vida do ser humano. Desta forma, a teologia aproxima-se do real vivido e do homem com todas as suas questões. E, por sua vez, o teor literário dá à teologia ocasião para uma reflexão sobre a Palavra de Deus, não a partir do espaço eclesial, mas a partir do mundo, e até mesmo fornece-lhe o material para a inculturação da fé, na medida em que desvela o homem, a sociedade e a cultura, incentivando a busca pela compreensão do que significa ser humano neste mundo (SOUZA, 2013, p. 43).

O literato português José Saramago, na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, manifesta de maneira clara e objetiva a sua compreensão sobre o mundo atual. Nela, o autor ressalta a incapacidade do ser humano em estabelecer relações, consigo, com os outros e com o mundo, demonstrado no enredo da obra como uma epidemia inexplicável de cegueira branca. O romance, do autor português, sublinha a necessidade da visão, por obra do apelo ao visual em nossa sociedade. Essa solicitação origina-se da elaboração de um modelo cultural, na qual as obras produzidas são destinadas ao mercado, denominado indústrias culturais. “Daí, aos olhos de seus detratores, a cultura de massa veiculada pelo cinema, pelo rádio, pelos discos, pela televisão não pode ser considerada uma verdadeira cultura: ela é *business*” (LIPOVESTSKY; SERROY, 2011, p. 70).

A consequência deste modelo cultural massificador, manifesta-se arrasador, visto que a indústria cultural global induz à sociedade a lei do mínimo esforço, do máximo prazer, da distração, fomentando a sensação da transitoriedade da vida, algo tão característico da indústria da moda. Este modelo cultural preocupa-se com as estruturas comerciais em detrimento dos relacionamentos humanos. A cegueira saramaguiana declara a deterioração da vida humana, graças ao fechamento e a incapacidade da hospitalidade do ser humano atual. Diante desta constatação, a obra ficcional *Ensaio sobre a Cegueira* aborda essa realidade antropológica por meio da metáfora da cegueira branca.

1. A cegueira saramaguiana - como moderna insensibilidade

A obra *Ensaio sobre a Cegueira* tem como ponto de partida, a cena de um motorista parado num semáforo, ele aguarda o sinal abrir para continuar o seu deslocamento. O sinal abriu, alguns carros largaram, mas algo aconteceu! Em consonância com o pensamento de Hudson Marques da Silva (2012, p. 87): “O semáforo, por exemplo, enquanto sinalizador luminoso, surge na cena inicial como uma espécie de catalizador da cegueira, pois é ao fitá-lo que o primeiro homem se torna cego”. Nesta cena inicial, o autor português retrata os seres humanos de forma alegórica, em consequência dos adjetivos presentes no texto, que anunciam certa animalidade, como no exemplo dos motoristas que são chamados de cavalos nervosos (SARAMAGO, 1995, p. 11). Diante do sinal verde, os motoristas dispararam, entretanto, um motorista, que acabara de ficar cego, permaneceu no mesmo ponto onde aguardava o sinal, provocando gritos e xingamentos dos demais motoristas.

Após alguns instantes, o motorista atônito percebeu que estava cego. Em decorrência desta inexplicável realidade, o motorista, em meio às lágrimas, desejava voltar a sua casa. Enquanto isso, um pequeno agrupamento reuniu-se em volta do pobre homem, ainda perplexo com a situação. Junto, as vozes dos curiosos, manifestou-se a voz de um homem que se propôs guiar o cego até o seu apartamento, no caminho eles conversavam, e o cego descreveu sua cegueira como se estivesse num nevoeiro ou mar de leite (SARAMAGO, 1995, p. 13). Destaca-se que não foi a gentileza que motivou esse homem a ajudar o pobre cego, na verdade a sua intenção era roubá-lo, pois este era um falso samaritano.

Depois de ser conduzido até a sua casa pelo falso samaritano, a esposa do primeiro cego percebeu a situação, e decidiu levá-lo ao oftalmologista. No consultório, o doutor, achando tudo muito estranho, examinava-o e fazia uma série de perguntas com relação aos acontecimentos. O médico intrigado afirmou que nunca viu um caso assim: “O que quero dizer é que o senhor está de fato cego, a sua cegueira, neste momento, é inexplicável [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 23). Mais tarde, o próprio oftalmologista será acometido pela treva branca, que aos poucos infectou todos os seus pacientes, transformando a doença em uma epidemia. Entre os pacientes afetados do oftalmologista estão um jovem com estrabismo, e uma jovem prostituta. Já o falso samaritano, que na verdade roubou o carro do pobre cego, tentou dissimular o assalto escondendo o carro num barracão distante. Dentro do carro, ele amedrontado pensou em fazer uma caminhada para arejar as ideias, “ainda não tinha dado trinta passos quando cegou” (SARAMAGO, 1995, p. 27).

Perante essa realidade inexplicável, o médico oftalmologista decidiu comunicar às autoridades sobre o ocorrido: “O relato do médico foi breve mais completo, sem rodeios, sem palavras a mais, sem redundâncias [...] chegou a surpreender o diretor” (SARAMAGO, 1995, p. 41). E o diretor do hospital, amigo do oftalmologista, comunicou o ministério da saúde, que teve a ideia de fazer uma quarentena, para evitar um contágio ainda maior.

Todas as pessoas que chegaram, e também as que com elas tivessem estado em contato físico ou em proximidade direta, seriam recolhidas e isoladas, de modo a evitarem-se ulteriores contágios, os quais, a verificarem-se, se multiplicariam mais ou menos segundo o que matematicamente é costume denominar-se progressão por quociente [...] segundo a prática herdada dos tempos de cólera e da febre amarela [...]. (SARAMAGO, 1995, p.45).

1.1. A quarentena

O governo propôs a instalação de uma quarentena, em que todos os infectados deveriam ser recolhidos. O lugar escolhido, para hospedar os cegos, foi um manicômio vazio (SARAMAGO, 1995, p. 46). Nesse ambiente, os infectados passaram por diversas situações consideradas subumanas, viveram como bichos, num processo de sobreposição do instinto, no tocante a razoabilidade das relações humanas. Neste ponto, o romance destaca uma profunda desumanização dos cegos que foram abandonados num manicômio, em paralelo com a compreensão de que a sociedade na contemporaneidade

proclama com a sua indústria cultural este processo de desumanização, anunciado pela afirmação “[...] o mundo está aqui dentro” (SARAMAGO, 1995, p. 102).

Os primeiros instalados, neste local escolhido pelo governo, foram o médico e a sua mulher, que não estava cega! Logo, em seguida, chegaram os outros cegos contagiados, por meio de vários grupos que vinham aos poucos. O lugar, sujo e sem condições de abrigar minimamente aquelas pessoas, revelava ser um ambiente abandonado a tempos, inapropriado para se viver.

O governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considerava ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios a população na crise [...] abandonar o edifício sem autorização significará morte [...] os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, [...] em caso de morte, seja qual for a causa os internados enterrarão sem formalidades o cadáver na cerca. (SARAMAGO, 1995, p. 50-51).

Inicialmente os cegos procuraram se organizar, mas logo vieram as oposições, pois cada um procurava somente o seu interesse, não havendo espaço para diálogos e aproximações. Essa situação ficou ainda pior, após a chegada de novos moradores que se utilizavam da violência para conseguir poder e benefícios. A situação tornou-se dramática quando um grupo de desalmados, tomou posse de um dos pavilhões, porém não se tratava de um pavilhão qualquer, mas aquele no qual estavam as caixas de comida.

Quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem. [...] Está dito e não volto atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados [...] quem quiser comer, paga. Cada camarata nomeará dois responsáveis, esses ficam encarregados de recolher valores, todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, joias, anéis, pulseiras, brincos, relógios, o que lá tiverem [...] (SARAMAGO, 1995, p. 140).

Para comer seria necessário pagar, mas a questão é: e depois que os recursos acabarem? Os cegos malvados impuseram uma nova condição para a distribuição da comida, eles propuseram trocar alimentos por relações sexuais, com as mulheres. Essa possibilidade num primeiro momento foi descartada, mas com o agravamento da fome, as mulheres cederam. O autor apresenta a reação dos cegos malvados como a de animais. “Já aí vêm, já aí vêm. De dentro saíram gritos, relinchos e risadas [...] estamos todos aqui como uns cavalos [...]” (SARAMAGO, 1995, p.175).

A quarentena metaforicamente representa a falta de condições necessárias para a vida como alimentação, medicamentos, assistência e no reconhecimento da dignidade da humanidade de cada um. Ela expõe, de forma clara e incisiva, que a carência maior se evidencia como falta de humanidade, entre os que ali estavam. Somente a mulher do médico, que não era cega, foi capaz de demonstrar afeto e humanidade, de estabelecer relacionamentos e a dimensão do cuidado. “O caos se instala e a cegueira física faz aflorar o que há de pior no ser humano” (CAPPELLI, 2019, p. 270).

1.2. Uma cidade contagiada

Após uma revolta e o incêndio do manicômio, os cegos conseguiram escapar da quarentena, graças ao total abandono do local, por parte do governo. Eles decidiram voltar à cidade, aos poucos perceberam que a cegueira havia atingido todos os locais, pois tudo estava abandonado e sujo (SARAMAGO, 1995, p. 214). O grupo de cegos passou a andar pela cidade à procura de abrigo e alimentos, assim como fazem os cães. A situação extrema os obrigou a andarem em grupos, aos poucos vão aprendendo uma nova forma de se relacionarem, conforme destaca o autor: “Os que andam em grupo, como nós, como quase toda gente, quando temos de procurar comida somos obrigados a ir juntos, é a única maneira de não nos perdermos uns dos outros” (SARAMAGO, 1995, p. 216).

Essa nova forma de relacionamento abriu-lhes o olhar, possibilitando a recuperação da visão, no caso do primeiro cego, ele afirmava ver melhor do que antes. Em seguida, a rapariga recuperou a visão e os demais também. Enfim o oftalmologista pode dar um diagnóstico: “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que veem. Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). Na ótica de Hudson Marques (2012, p. 77), a cegueira, descrita por Saramago, constitui-se na incapacidade da humanidade de construir novos relacionamentos. “Assim, diante do mundo contemporâneo [...], a cegueira surge, primeiramente, como alegoria das várias mazelas humanas [...], as quais trazem muitos transtornos.” (SILVA, 2012, p. 78).

1.3. Considerações parciais sobre a obra literária

A obra, *Ensaio sobre a Cegueira*, compara os seres humanos aos animais irracionais, sua intenção primária consiste em salientar a animalidade do ser humano, no sentido mais baixo como: “[...] crueldade, egoísmo, desleixo, dentre tantas mazelas

típicas do indivíduo pós-moderno referenciado” (SILVA, 2012, p. 71). Na verdade, o egoísmo, sintoma do fechamento do humano em si mesmo, acentua-se de tal modo que o autor-narrador declara: “[...] ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra.” (SARAMAGO, 1995, p. 169).

Em meio, a tanta animalidade, brilha um foco de humanidade, a mulher do médico é representada como um modelo paradigmático, ela é a única que consegue ver. A preservação, da sua visão, está ligada a ideia de sabedoria, pois sua postura não está centralizada em si mesmo. Na obra, ela aparece sempre em relação aos outros. Cabe agora a teologia aprofundar essa sabedoria apresentada por essa mulher.

2. A teologia

O Papa Francisco, na carta encíclica *Fratelli Tutti*², reconhece os dramas que assolam a humanidade no século XXI. O primeiro capítulo, desta carta encíclica, aborda as sombras do mundo fechado, marcado com sinais de regressão em forma de nacionalismos, ideologias, perda de sentido do comum (n. 11). O pontífice sublinha a instrumentalização da economia, o avanço do globalismo (n. 12), a negação dos fatos históricos (n. 13), os fundamentalismos que impedem o debate numa sociedade democrática (n. 16). Essa forma de ver a realidade, narrada por Saramago como cegueira branca, é anunciada pelo Papa Francisco como um caminho para a desvalorização do outro e dos seus direitos (n. 22), em razão dessa postura grupos mais fragilizados encontram-se desprovidos de dignidade.

No mundo atual, esmorecem os sentidos de pertença à mesma humanidade, e o sonho de construirmos junto a justiça e a paz merece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora (FRANCISCO, 2020, n. 30).

Para o Bispo de Roma, a sociedade na atualidade “corre sem um rumo comum” (n. 31), Ele acentua a incapacidade dos fortalecimentos dos vínculos humanos e a necessidade de recuperar o dom precioso da vida compartilhada. Caso, essa recuperação

² A carta Encíclica *Fratelli Tutti* será citada diretamente pelo número.

não se efetive, o Papa argentino prevê um futuro marcado pelo “vazio e por náuseas” (n. 36). Outro elemento enfatizado na carta é a agressividade obsessiva (n. 44) oriunda de fanatismos ideológicos, políticos, religiosos, entre outros. Diante desta realidade medonha e sombria, a carta Encíclica *Fratelli Tutti* resgata uma das afirmações mais importantes do cristianismo, que servirá de baliza para quebrar esse círculo de indiferença. Ela expõe (indiretamente), a afirmação da presença amorosa de Deus na história do seu povo, como proximidade e libertação, grifados na experiência do povo de Deus como acontecimentos salvíficos (LATOURELLE, 1985, p. 463).

A afirmação, da atuação salvífica de Deus na história, propicia um espaço de esperança, graças a percepção de que os fatalismo e determinismos devem ser enfrentados. Essa, compreensão cristã da história, apresenta-se como necessária para a superação desta cegueira, em forma de indiferença. Uma das grandes questões é saber harmonizar o conjunto de vozes, desta sociedade fragmentada, que para Saramago representa os diversos grupos no manicômio, para que essa polifonia não se torne em cacofonia (BAUMAN, 2011, p. 383).

Pensar em harmonia, não é o mesmo que pensar em uniformidade. A harmonia, não necessita do desaparecimento da diferença, ela pode ser construída quando se ressalta os pontos em comum, daqueles que são diferentes. Os espaços que coabitamos devem ser lugares de relação e não de indiferença. A vida compartilhada não necessita de consensos dogmáticos, pelo contrário, ela precisa de pontos que sejam irrenunciáveis, como a nossa humanidade e os direitos universais de cada ser humano. “Assim como a vida fragmentada e descontínua promove a diminuição dos impulsos morais, uma vida compartilhada de relações contínuas revigora as responsabilidades [...] a tarefa de gerir assuntos - agora verdadeiramente – comuns” (BAUMAN, 2011, p. 382).

2.1. A parábola do bom samaritano - via para a recuperação da visão

A construção de pontes, nesta sociedade tão fragmentada, comprova-se como algo imprescindível e urgente. Por obra desta necessidade, este texto aproximará a mulher do médico (presente na narrativa saramaguiana) com a narrativa bíblica do samaritano a caminho de Jericó (Lc 10, 29-37). A correlação, entre os personagens, propicia compreender o olhar dirigido ao outro, como um paradigma de convivência para os dias atuais. Neste olhar paradigmático, ambos personagens demonstram profunda

humanidade, por meio da dimensão relacional e do cuidado, enriquecido pelo serviço, compromisso, acolhimento e misericórdia.

O Papa Francisco considera a parábola do bom samaritano, que também poderia ser compreendida como parábola do bom ser humano, como “[...] um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito” (n. 67). A aproximação, de Saramago e do Papa Francisco, conversa profundamente neste ponto, uma vez que o literato português coloca nas atitudes da mulher do oftalmologista, a força para reconstrução da sociedade. Por sua vez, o pontífice argentino ressalta a força restauradora daqueles que assumem as fragilidades dos seus companheiros de história (n. 67). Neste aspecto, a proposta de Francisco acentua a experiência da fé, essa postura é muito interessante, uma vez que ao dar esse acento, o bispo de Roma relembra os cristãos que ortopraxia não se desvincula da ortodoxia.

A fé, antes de ser uma proclamação dogmática, é entendida como uma ação comprometida com a proposta de Jesus. Faz-se de suma importância compreender qual era a finalidade da ação de Jesus, já que ela pode ser mascarada por diversas outras compreensões. Para realizar tal missão, este texto coaduna com a compreensão de José Maria Castillo (2006), que afirma ser a felicidade do ser humano o foco da atuação de Deus, por meio do projeto do Reino. O pensamento, deste teólogo espanhol, fundamenta-se na Encarnação do Verbo, no qual, Deus se identifica com cada ser humano. Para ele, o fator determinante daquilo que chamamos de céu, não será o número de práticas piedosas ou religiosas que participamos, nem o fervor com que oramos, embora sejam importantes estes elementos. O teólogo espanhol baseado nos evangelhos, e em especial, no de Mateus (25, 31-46) afirma que a última palavra levará em consideração, a forma como nos relacionamos uns com os outros (CASTILLO, 2006, p 62).

No texto, do evangelho de Mateus 25, percebe-se uma profunda ligação entre Jesus e o sofrimento humano. “Em verdade vos digo: cada vez que fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). O único caminho, ofertado por Jesus para que o ser humano se relacione efetivamente com Deus, passa pela qualidade dos relacionamentos humanos, “a pessoa que se humaniza até o mais profundo do seu ser e se relaciona com os demais [...] na realidade, aquela que encontra Deus na vida” (CASTILLO, 2006, p .62). Este pensamento de Castillo encontra apoio em vários teólogos, como no caso do teólogo suíço Edward Schillebeeckx (2008, p. 261), que pensa o projeto de salvação como uma preocupação de Deus com o bem do ser humano, sendo considerado como um cuidado que proporciona um caminho de recomeço e de esperança.

A identificação de Jesus com o ser humano é central na narrativa mateana (Mt 25,40), e no capítulo 10, 40, onde se capta essa relação de Jesus com os seus enviados, no qual aqueles que recebem os discípulos recebem o próprio Cristo. Além de Mateus, essa identificação de Jesus, com os seres humanos, encontra-se presente nos paralelos sinóticos de Marcos (9,37) e Lucas (10,16). Em razão desta afirmação evangélica, o seguidor de Jesus tem diante de si um ponto comum entre as narrativas sinóticas, elas afirmam:

Quem “acolhe”, “rejeita” ou “escuta” um ser humano, ainda que se trate do mais insignificante, do mais pequenino, do último, como no caso das “crianças”, seres que naquela sociedade careciam de todo direito e de toda dignidade, até ponto que, “para um adulto, ser comparado com uma criança era um insulto, aquele que faz qualquer dessas coisas, é a Jesus que ele faz e, em última instância, ao próprio Deus (CASTILLO, 2006, p. 65-66).

Em concordância, do que foi exposto acima, o Papa Francisco, ao referir-se a parábola do bom samaritano, faz alusão à incapacidade de alguns seres humanos pararem diante da dor e do sofrimento de um homem caído, enquanto, um samaritano aproximou-se e estabeleceu uma relação vital com o homem à beira do caminho, já que ele estava morrendo (Lc 10,30). O cerne da questão, apresentado pelo Sumo Pontífice, carrega uma provocação para toda sociedade, devido à denúncia de um estilo de vida autorreferenciada, não permitindo espaço para a preocupação com os demais (n. 65). Para Francisco, essa forma de compreender o mundo é um equívoco que devemos evitar (n. 66). Mas, como evitar tal erro? Como escapar desta cegueira branca que mesmo enxergando não nos permite ver?

A proposta de Saramago e do Papa Francisco, oferece uma resposta a indagação anterior, pois elas apontam para a confecção de novos relacionamentos, pautados na aproximação, no cuidado e no compromisso. A prática do bom samaritano, que de certa forma está presente na obra saramaguiana – na prática da mulher, servirá como uma cura da cegueira atual, um luzeiro para esta sociedade.

A asserção da parábola, simples e rica de sentido, refere-se a jornada da vida na atualidade, marcada por uma imensa desigualdade que literalmente joga as pessoas para debaixo das pontes e as deixam à beira do caminho. Então este será o fator decisivo: “Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam

ao largo” (69). Essa realidade exhibe-se como decisiva para os cristãos, pois não se pode negar que os dois homens que foram indiferentes ao caído eram pessoas religiosas.

A simples relação, das práticas religiosas com o evangelho, demonstra-se equivocada. A carta Encíclica relembra a contundente homilia São João Crisóstomo: “Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e nudez” (Homiliae in Matthaeum, 50, 3-4, p. 58,508. Apud n. 74). Embora, o cristianismo tenha uma riqueza ritual e sacramental, ele não pode ser reduzido a ritualização e a sacramentalização e nem ao clericalismo (CNBB, 2016, n. 43).

A superação das visões reducionistas na sociedade e na religião propiciarão a construção de um novo olhar, o olhar da solidariedade, capaz de pensar os relacionamentos pautados na aproximação e no cuidado, sem abusos, sem discriminação, sem racismos, populismos e individualismo elevado à décima potência. O reconhecimento, do outro como próximo, permite o estabelecimento de amizade social, de aproximações e integrações. Todo esforço social, político, econômico, cultural e ecológico, nesta direção, “torna-se um exercício de caridade” (n. 180).

2.2. Por uma espiritualidade samaritana - a responsabilidade diante de Deus, do outro e do mundo

Pensar a parábola do bom samaritano, como uma proposta de espiritualidade para os dias atuais, revela-se como um verdadeiro desafio, em razão do divórcio entre a vida e a fé. Para muitos cristãos, a espiritualidade, não tem nenhuma relação com os elementos destacados até aqui, estes imaginam a espiritualidade desconectada da realidade. Para o teólogo espanhol José Maria Castillo, essa forma de compreender a espiritualidade é perigosa e abobalhada (CASTILLO, 2012, p. 14).

O termo espiritualidade, no entendimento de alguns, remete aquilo que é espiritual, em razão “[...] dessa compreensão equivale a um inevitável divórcio entre a fé e a vida” (SOUZA, Glauco. *Espiritualidade cristã e cristologia*. In ANÉAS, 2020, p. 96). Porém, a compreensão correta, deste termo, move o cristão a assumir uma postura de comprometimento com a vida, em todas as suas dimensões. Segundo Juan A. Estrada (1992, p. 36), a espiritualidade é viver a vida guiada pelo Espírito. Em decorrência desta afirmação, a fonte da espiritualidade autêntica exposta por Jesus, tem como princípio

norteador o verdadeiro engajamento com as questões humanas. Por efeito, pensar a espiritualidade cristã, sem um compromisso real com aquilo que é comum, manifesta-se como uma contradição evangélica.

[...] a espiritualidade bem entendida quando falamos de uma “vida que se deixa guiar pelo Espírito”. Trata-se logicamente do Espírito de Jesus, portanto, do Espírito que inspira o Evangelho e faz com que o Evangelho se torne vida. Nesse sentido, tem toda razão do mundo Gustavo Gutiérrez quando afirma que “uma espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho”. Também segundo Galilea descreve a espiritualidade como “um estilo de viver o Evangelho numa determinada situação” (CASTILLO, 2012, p. 18).

A via samaritana, descrita na *Fratelli Tutti*, conclama a cada pessoa a compartilhar da sua existência com os demais, em forma de pertença, de reconhecimento do Cristo presente em cada pessoa, em especial nos mais excluídos (n. 85). A resposta ao amor, que Deus oferta constantemente, passa pelo viés da solidariedade, pelo fato de que não há como amar a Deus sem ser pelo outro, que Ele nos confia. “A responsabilidade diante de Deus se transmuta, instantânea e necessariamente, em responsabilidade pelo outro, por aquele que, de vez em quando, cruza meu caminho e meu olhar e cuja vida sou chamado a responder, como Caim a respeito do seu irmão Abel” (DI SANTE, 2005, p. 57). O Papa Francisco, compreende que a via da reciprocidade, do cuidado, da empatia, oferta um excelente caminho de humanização, e que a alteridade coopera com a maturidade da existência de cada um (n. 87).

Considerações finais

Este diálogo entre a literatura, do escritor português José Saramago, por meio da sua obra *Ensaio sobre a Cegueira* com a carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, demonstra a necessidade de superar o modelo social da atualidade. O atual modelo, marcado por desigualdades, racismos, violência, fundamentalismo, populismos, deverá ser substituído, por um modelo que favoreça a aproximação e o reconhecimento dos diferentes. A construção deste novo modelo pode ser considerada como uma redenção, pois viver a proposta da espiritualidade samaritana é construir o projeto do Reino de Deus.

Em conformidade com o texto da primeira carta a João lemos: “Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor” (1Jo 4,8). O fato de que a verdadeira relação com Deus passa pelos encontros humanos, e com isso funde-se com a prática da

justiça social, da defesa da democracia, da defesa dos direitos humanos, na construção de uma política, entre outros. Essa relação está longe de ser considerada uma amizade espiritual, ela deve ser um estilo de vida, em forma de seguimento de Jesus, marcado por uma profunda inversão daquilo que esta sociedade defende.

O mandamento bíblico do amor é, portanto, conforme Bultmann, “a inversão da direção de vida do homem natural (direção que é justamente o movimento conatural “do eu em direção ao eu”) e a instauração da vida como vocação para amar; e é a passagem do amor de desejo ou de identidade, em que o eu sai de sua terra para ele voltar como Ulisses, para o amor de alteridade onde o eu sai de sua pátria para não mais voltar, e sim para encontrar uma outra pátria (DI SANTE, 2005, p. 65).

O movimento de saída, em relação ao fechamento do eu para mim, passará pela necessária mudança de todas as estruturas, inclusive a Igreja (eu para o outro). As comunidades deverão retirar o acento exclusivo das suas práticas de manutenção paroquial, elas são convocadas a assumirem o papel de educadoras, de novos hábitos de solidariedade, com uma espiritualidade profunda capaz de valorizar os relacionamentos humanos. “Reconhecer todo ser humano como irmão ou irmã e procurar amizade social que integra a todos não são meras utopias” (n.180), elas são o caminho da vida cristã e o desafio para uma vida mais humana.

Referências

- ANÉAS, A. (Org.) *Diálogos sobre a experiência de Deus*. São Paulo: Recriar, 2020.
- BAUMAN, Z. *Vida em fragmentos: sobre ética pós-moderna*. Tradução: Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CAPPELLI, M. *A teologia ficcional de José Saramago no Ensaio sobre a Cegueira*. In: Revista Teoliterária v.9- n.19- 2019. ISSN- 2236-9937.
- CASTILLO, J. M. *Deus e nossa felicidade*. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Espiritualidade para insatisfeitos*. Tradução: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14)*. Edições CNBB, 2016. (Documentos da CNBB – 105).
- DI SANTI, C. *Responsabilidade: O eu – para – o outro*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus: 2005.
- ESTRADA, J. A. *La espiritualidade de los laicos*. Madri: Cristiandad, 1994.
- FORTE, B. *La teologia como companhia, memoria y profecia*. Salamanca: Sígueme, 1990.
- LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
SILVA, H. M. *O visível e o invisível em ensaio sobre a cegueira de José Saramago*.
Dissertação de Mestrado em Literatura e Interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação Pró-reitoria de pós-Graduação, 2012, 106 f.
SOUZA, G. A. F. *A humanização do ser humano – um diálogo entre a teologia e a obra literária “A hora da Estrela de Clarice Lispector”*. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2013, 119 f.

Recebido em 12/11/2020
Aprovado em 24/12/2020